

A NATUREZA DA CAPITANIA DE SANTA CATARINA A PARTIR DOS RELATOS DOS VIAJANTES.

Luciana Rossato

Doutora em História - UFRGS*

Durante a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, vários cientistas viajantes estiveram na região litorânea da Capitania de Santa Catarina, mais especificamente na Ilha de Santa Catarina. Registraram em texto o que viram e o que vivenciaram durante a viagem. Nosso objetivo é discutir o que eles escreveram sobre a natureza da região.

Inicialmente, faz-se necessário salientar dois aspectos sobre os relatos de viagens e seus autores. Este tipo de literatura era largamente difundida na Europa, durante os séculos XVIII e XIX, e sua leitura incentivava o debate sobre as características da natureza e do homem americano. Teses foram amplamente discutidas na Europa e contribuíram para a formação de um olhar prévio dos viajantes. Além disso, imagens e representações sobre a América não circulavam somente entre os cientistas, mas também chegavam ao restante da população. O outro aspecto refere-se aos viajantes. Além de serem europeus, os viajantes que estão sendo analisados são cientistas, e desta forma, detentores de um esquema próprio de classificação, um esquema estranho para a grande maioria das pessoas, principalmente para aquelas que estavam sendo observadas e que posteriormente seriam descritas nos relatos.

Os viajantes que vinham para a América já tinham um conhecimento prévio, adquirido pela leitura de outros autores. Isto acabava gerando expectativas, como a

demonstrada por Georg von Langsdorff quando esteve no Brasil pela primeira vez, em 1803. Deixou registrado que, antes de iniciar as explorações em terra firme, estava

excitado por tão belas imagens de minha fantasia, mal podia aguardar o retorno do sol para visitar a região paradisíaca. Confesso que minhas idéias eram exageradas e tensas, mas apesar disto, quanto mais eu me aproximava da terra, a realidade excedia minha expectativa.¹

A imagem da América que esse viajante tinha gravada em mente era de “uma terra que foi agraciada pela natureza em todos os sentidos, uma terra onde tudo viceja com inexcedível beleza e garbo imagináveis.”² Outros viajantes também acreditavam que a natureza do Novo Mundo era privilegiada, que nesse continente não era necessário trabalhar como na Europa, que os alimentos cresciam por si mesmos, sem a intervenção do homem, sem seu trabalho. Antoine Joseph Pernetty passou pela região em 1763. Após falar que os habitantes da Ilha de Santa Catarina viviam na ociosidade, uma vez que o “pouco trabalho” era feito pelos escravos, concluiu que “a terra produz quase tudo o que é necessário para viver, sem que se dêem ao trabalho de cultivá-la.”³ Mesmo vendo e escrevendo sobre a presença e o trabalho dos escravos em terras americanas, Pernetty afirmou que nesta região não era preciso trabalhar, devido a generosidade da natureza. Esse aspecto foi salientado por Sérgio Buarque de Holanda em seu estudo sobre a edenização do Brasil no período de seu descobrimento e colonização. O autor mostra que a América foi retratada como uma cópia do Éden pelos primeiros visitantes, mas esta imagem foi construída em oposição à imagem que os europeus tinham de sua própria terra, a Europa.

Outro aspecto que surpreendeu os viajantes foi a exuberância e a imponência da natureza da América. Para Adalbert von Chamisso, “na Ilha de Santa Catarina, o europeu fica envolvido em uma nova criação cuja abundância em tudo é gigantesca e deslumbrante.”⁴ René Lesson também salientou este aspecto:

Florestas espessas, frondosas, impenetráveis muitas vezes, atapetam as montanhas; [...] o naturalista que visita este litoral com os olhos exclusivamente habituado à criação das zonas temperadas da Europa, não se pode furtar, à vista da produção brasileira, de uma emoção tanto mais forte, [...] Nos primeiros dias ele pode apenas se familiarizar com esta

pompa e esta grandeza que por toda a parte se mostra ao olhar. Somente algum tempo depois é que ele se habitua a este luxo de vegetação e ao brilhante adorno dos pássaros ou dos répteis que pululam sobre este solo fecundo.⁵

A exuberância da natureza americana era entendida em contraposição à da Europa. Nossa singularidade era vista e compreendida quando em relação com o conhecido, o habitual, ou seja, a natureza européia. E muitas vezes, apesar de nossa riqueza e de nossa imponência natural, a América saía perdendo nas comparações, como podemos observar na fala de Chamisso: “ainda que a América não possa concorrer com as gigantescas espécies animais do Velho Mundo, desde o elefante até a cobra Boa, na natureza brasileira é a variedade e a quantidade que equilibram a falta.”⁶ Podemos relacionar a fala de Chamisso, que esteve na América em 1815, com as teorias difundidas no século XVIII por Buffon, que defendia que os animais maiores são superiores aos menores. A ausência de animais de grande porte na América, sinal inegável da imaturidade de nossa natureza para os partidários das teorias buffonianas, acrescenta-se a presença abundante de insetos, que faz com que “os brasileiros sofrem das incomodidades de todos os países quentes, atormentados pelos insetos, de cuja picada não podem evitar devido à pequenez de seus tamanhos.”⁷ Essa combinação, ausência de grandes espécies de animais e excesso de insetos minúsculos, para os detratores da América, é a comprovação de sua imaturidade, quando não de sua degeneração.

Os viajantes que aqui estiveram tinham contato com as discussões que circulavam pela Europa sobre a América e a análise dos seus relatos possibilita aprofundarmos como essas teorias os influenciaram. Auguste de Saint-Hilaire, por exemplo, descreveu a natureza da Capitania de Santa Catarina de forma ambígua. Em alguns momentos, ou regiões, o clima era agradável, a vegetação exuberante e a terra, fértil. Em outros, a paisagem tornava-se monótona, com locais insalubres. Podemos pensar que a representação da natureza tropical pelos europeus construiu-se através da dualidade de imagens. Não existe um significado, mas uma duplicidade de significados.

No entanto, apesar de Saint-Hilaire mostrar que a natureza tropical não era homogênea uma vez que existia regiões idílicas, mas também áreas insalubres, continuava pensando que, em um país localizado em “um clima tão quente e em região tão fértil”, os seus habitantes não precisariam “trabalhar tanto quanto na Europa.”⁸ Esses discursos eram muito comuns entre os viajantes. Langsdorff também acreditava que no Novo Mundo a “natureza tudo dá, mesmo sem esforço ou assistência e trato.” Segundo ele, o pouco desenvolvimento não era devido à geografia ou ao clima, mas sim à ausência de empenho do governo em povoar melhor essas regiões. Dessa forma, “poder-se-ia formar aqui, através de seus produtos que quase jorram livremente da cornucópia da livre natureza, em poucos anos, um dos centros comerciais mais importantes do Brasil.”⁹ A riqueza, para esses viajantes, não era produzida com o trabalho dos homens, geralmente com a utilização do trabalho escravo, mas “jorrava livremente”.

Pernetty comentou que “falta alguma coisa para que a Ilha de Santa Catarina seja uma moradia encantadora”. A atmosfera carregada de vapores que, com dificuldade, eram dissipados pelo sol e pelo vento, juntamente com os odores fétidos e o ar que não circulava, tinham influências negativas sobre os habitantes locais, que, independente de sua vontade, entregavam-se a inércia. Segundo ele,

o ar insalubre deste clima é verdadeiramente a causa da palidez dos brancos que ali habitam. Destes bosques onde o sol jamais penetra, elevam-se vapores densos que formam brumas eternas no alto das montanhas que cercam a ilha. [...] Este ar insalubre é corrigido levemente pela quantidade de plantas aromáticas, cujo perfume suave se faz sentir a três ou quatro léguas no mar, levado pelo vento do mar.¹⁰

Apesar de todas as dificuldades e malefícios citados, Pernetty constatou que “a ilha [de Santa Catarina] [...] é muito cara aos naturalistas.” Novamente era a variedade e a riqueza natural que a redimia de seus pecados. Alguns anos depois, também durante o verão, como o viajante acima citado, Langsdorff esteve visitando a Ilha de Santa Catarina e teve outra impressão sobre o clima. Apesar de as noites serem úmidas, “parece que o clima não tem influências perniciosas sobre os moradores”¹¹, exceto na região norte da capitania, onde existiam muitos mangues e águas paradas. John Mawe, que passou por Santa

Catarina em 1807, constatou que existiam regiões insalubres, principalmente durante a estação das chuvas. Nessa época o solo ficava, “em grande parte, inundado, e no verão é infestado por terríveis enxames de moscas e borrachudos, que o tornam quase inabitável.” A insalubridade poderia ser corrigida, através da drenagem e da limpeza da área, mas “tal empreendimento é árduo, e requer um povo mais ativo e prático.”¹² Mas, apesar dos insetos e da umidade em regiões e em épocas determinadas, a “profusão das mais belas flores atesta a amenidade do seu clima. A rosa e o jasmim florescem o ano todo.”¹³ Aparentemente, o fato de aqui crescerem plantas comuns em seu país de origem, a Inglaterra, era uma prova de que a região tinha aspectos positivos. Encontrar pontos em comum entre as áreas visitadas e as áreas de onde eles vinham era, para alguns viajantes, demonstração evidente do desenvolvimento ou não da natureza local.

A riqueza, muitas vezes oculta ou desconhecida, era outro dos interesses dos viajantes quando saíam para realizar a coleta de material. A prioridade não era para o que os homens tinham desenvolvido, o que eles tinham produzido. O olhar do cientista viajante estava preparado e interessado em observar a natureza, como nos fala Saint-Hilaire: “apressemo-nos a desviar os olhos de todas essas infelicidades para contemplarmos as belezas da região que lhes serve de palco.”¹⁴ Era a natureza, sua flora e fauna, que interessava aos cientistas viajantes, este era o seu objeto de estudo. No caso dos estudiosos da natureza que seguiam o sistema de classificação de Linné, o interesse era direcionado para a flor, devido à necessidade de conhecer o sistema reprodutivo a fim de classificar as plantas, como é salientado pelo seguinte comentário: “em outra época do ano eu teria certamente recolhido uma grande variedade de plantas; mas o tempo de floração tinha passado e só ficara o restolho.”¹⁵

A riqueza da flora brasileira já era do conhecimento dos europeus, fato salientado por Chamisso ao citar vários estudiosos que estiveram pesquisando no Brasil. No entanto, muito ainda existia a ser pesquisado, uma vez que

tudo era novidade para a ciência. O trabalho de tantos homens, no entanto, é ainda fragmentário. Se alguém reexaminar alguma família que já foi classificada por outrem, vai ter o que acrescentar sempre.¹⁶

Podemos constatar pela citação que relatos de outros viajantes foram lidos por Chamisso antes de escrever o seu próprio relato, ou mesmo antes de embarcar na viagem de estudos. Os relatos, as concepções sobre a natureza e as opiniões do grupo de viajantes formados por cientistas circulavam entre si, influenciando-se mutuamente. Outro ponto que podemos constatar nessa fala é a busca pelo conhecimento e de como este ainda encontrava-se fragmentado, apesar de todos os esforços e investimentos que estavam sendo empreendidos.

O interesse econômico estava presente no trabalho desenvolvido pelos cientistas viajantes. Os investimentos para a organização de uma viagem de circunavegação, ou mesmo para uma viagem individual, eram altos e não se justificam somente pelo interesse científico. Além disso, a pesquisa científica e a comercialização dos resultados adquiridos estavam estreitamente vinculados. Um dos objetivos do Jardin des Plantes de Paris, e de inúmeros outros jardins botânicos da Europa, era o trabalho de aclimação. As plantas e sementes coletadas pelos viajantes eram submetidas a modificações a fim de se adaptarem às condições naturais diferentes de sua região de origem. O trabalho de aclimação possibilitaria o desenvolvimento da agricultura. Além de contribuir para o enriquecimento do país, multiplicando a quantidade de plantas e árvores que poderiam vir a ser úteis à economia doméstica e rural, a aclimação e domesticação de espécimes estrangeiras contribuiria para a riqueza e a felicidade do homem.¹⁷

A partir das falas trabalhadas anteriormente podemos constatar que existia uma representação de que na América a natureza era rica, farta, provedora. O homem não precisava trabalhar tanto para garantir seu sustento como ocorria na Europa. Mas, para os viajantes, isso não significava necessariamente um ponto positivo, já que essa fartura, essa facilidade foi responsável pela criação de uma sociedade na qual o trabalho e a previdência não eram valorizados. Outro aspecto era que, ao mesmo tempo em que a natureza era farta de animais e plantas úteis para o ser humano, era rica também em insetos perniciosos à sua saúde. A natureza úmida enfraquecia a saúde, da mesma forma como a fartura

enfraquecia o caráter dos seres humanos que viviam na região. Apesar da maioria dos viajantes louvarem a natureza americana, bem como outras características locais, em vários momentos eles reproduziram concepções que circulavam há vários anos na Europa, principalmente as referentes à questão da degeneração ou da inferioridade americana.

Segundo o antropólogo Philippe Descola, Humboldt foi o primeiro estudioso a estabelecer um vínculo entre a história natural do homem com a história humana da natureza. Em sua obra *Cosmos*, tentou compreender a unidade humana a partir da diversidade do meio, a fim de pensar o mundo como indissociável. Para o autor, a cultura ocidental é marcada por uma antinomia entre o homem e a natureza. A natureza é caracterizada pela ausência do homem enquanto o homem caracteriza-se pelo que ele soube dominar de natural em si. Em muitos povos a natureza não existe como esfera autônoma. Nossa singularidade em relação ao resto da existência é relativa, como é relativa nossa consciência do que nos faz humanos.¹⁸ A partir das reflexões de Descola, podemos entender melhor o interesse dos viajantes, europeus, cientistas, “civilizados”, pela nossa natureza intacta. Ao mesmo tempo que esse contato gerava desconforto, um sentimento de opressão e mesmo depressão, quando muito prolongado, gerava também um sentimento de prazer, de admiração, ou então, como dizia Rousseau, uma possibilidade de encontrar seu “não-eu”. Essa dubiedade de sentimentos reflete-se, de certa forma, nas descrições encontradas nos relatos dos viajantes. A natureza intacta, rica em plantas e animais era importante para o desenvolvimento da ciência, mas o objetivo, a meta idealizada de desenvolvimento era a natureza domada, organizada, como os campos e jardins europeus e como os mostruários e os herbários encontrados nos gabinetes de estudo e nos museus.

* As discussões presentes neste artigo foram desenvolvidas em minha tese de doutorado: *A Lupa e o Diário: História Natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822)*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Para a realização da mesma contei com o financiamento da CAPES.

¹ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. In: PALMA DE HARO, Martim Afonso (org.). **Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. 4º ed.. Florianópolis: Editora da UFSC, Editora Lunardelli, 1996. p. 162.

² Ibidem. p. 162.

³ PERNETTY, Antoine Joseph. In: **Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Op. cit. p. 83.

⁴ CHAMISSO, Adalbert von. In: **Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Op. cit. p. 232.

⁵ LESSON, René Primevère. In: **Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Op. cit. p. 271.

⁶ CHAMISSO, Adalbert von. Op. cit. p. 232.

⁷ PERNETTY, Antoine Joseph. Op. cit. p. 88.

⁸ SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Prefácio Mário G. Ferri; tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. p. 149.

⁹ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Op. cit. p. 163.

¹⁰ PERNETTY, Antoine Joseph. Op. cit. p. 86.

¹¹ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Op. cit. p. 165.

¹² MAWE, John. In: **Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Op. cit. p. 194.

¹³ Ibidem. p. 190.

¹⁴ SAINT-HILAIRE, Auguste de. Op. cit. p. 168.

¹⁵ Ibidem. p. 190.

¹⁶ CHAMISSO, Adalbert von. Op. cit. p. 233.

¹⁷ KURY, Lorelei. **Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)**. Paris: L'Harmattan, 2001. pp. 210-211.

¹⁸ DESCOLA, Philippe. L'anthropologie de la nature. In: **ANNALES: histoire, sciences sociales**. 57º année. N° 1. Janvier-février 2002. pp. 9-25.